

Entre um motivo de luta e uma desilusão: Angola escrita nos contos *A Revelação* e *O nosso país é bué*, de Pepetela

Between a motive of struggle and a disappointment: Angola written in the short stories *A Revelação* and *O nosso país é bué*, of Pepetela

Sidnei Boz

UNEMAT, Brasil¹
sidneihoz@hotmail.com

Aginaldo Rodrigues da Silva

UNEMAT, Brasil
agnaldosilva2001@uol.com.br

Amanhã talvez eu tenha que me sentar em frente aos meus filhos e lhes dizer que fomos derrotados. Mas eu não poderia olhar para eles nos olhos e lhes dizer que eles vivem assim porque eu não me animei a lutar.

Mahatma Gandhi

Palavras-chave: Literatura angolana, contos angolanos, Pepetela, *A Revelação*, *O nosso país é bué*; pós-colonialismo.

Keywords: Angolan literature, Angolan short-stories, Pepetela, *A Revelação*, *O nosso país é bué*, post-colonialism.

Este trabalho apresenta um estudo de dois contos de Pepetela: *A Revelação* e *O nosso país é bué*, nos quais percebemos uma aproximação na figura dos dois jovens protagonistas, Candimba e Lito. Os dois meninos ainda com o mundo a descobrir, entretanto separados por uma distância de mais de três décadas, considerando o momento de produção das obras, sofrem alguns d'os problemas vivenciados por Angola neste período.

¹ Doutorando do PPGEL – UNEMAT, bolsista CAPES.

As reações esteticamente representativas dos dois miúdos nos contos, em face dos problemas apresentados pelas suas vivências, nos fazem perceber como Angola lida com a superação de alguns de seus problemas pós-coloniais. Candimba sente os efeitos do racismo presentes na sociedade pré-independência angolana, observada principalmente na figura de Mariana, mulher negra, que é enganada e rejeitada pelo branco Sô Ferreira. Lito vive na Angola independente do final do século XX, e percebe, dentre outros fatores, seu sentimento nacionalista na ilusão da exploração de petróleo ser afetado pela realidade que o mundo globalizado proporciona.

Percebemos que as duas obras se inserem nas reflexões de Ana Mafalda Leite (2012) sobre a oralidade presente nos textos de literatura africana de língua portuguesa. A autora pondera que os mesmos são frutos de uma construção social oriunda da oratura, na qual a leitura e a escrita se caracterizam pela participação do escritor e do leitor no acontecimento do discurso. Assim, Pepetela traz ao enredo destas duas obras um pouco da história da sociedade angolana, na forma de uma breve passagem da infância dos dois garotos, os quais com sua visão pueril estão a perceber como funciona a sociedade onde vivem.

Dessa maneira, os contos seguem também ao gosto Walter Benjamin (1994), para quem as melhores narrativas escritas são aquelas que apresentam histórias que se aproximam daquelas contadas oralmente. Esta característica apresentada pelos contos abordados precisa ser percebida na devida relação entre a arte e o engajamento político do autor ao retratar esteticamente a situação social de seu país. Sentimentos nacionalistas e desilusões sofridas pelo povo caracterizam o pano de fundo histórico presente na narrativa.

O primeiro conto, *A Revelação* foi escrito por Pepetela em Lisboa no ano 1962. No boletim nº 4 da CEI daquele mesmo ano foi citado como destaque do concurso literário promovido CEI – Casa de Estudantes do Império, no qual Urbano Tavares Rodrigues o classificou como “conto excelente” e “pequena obra-prima” (Pepetela, 2017). A primeira publicação do conto, entretanto, ocorreu no ano seguinte, em 1963, em São Paulo, no *Correio Brasiliense*.

Pepetela, que à época começava a carreira literária, considera à altura da produção deste conto, quando se iniciou a luta pela libertação em Angola que: “os motivos eram fortemente raciais e menos políticos, em primeiro lugar, e perfilava-se a descoberta de outra maneira de apreciar o que parecia acontecer. Também o autor era jovem e aprendia.” (Pepetela, 2008, p. 15). A obra traz como temática central o racismo, do qual nos interessa especialmente os efeitos causados nas atitudes do jovem protagonista.

O conto apresenta como personagem principal Candimba, um menino que auxiliava a mãe nos afazeres. A mãe preparava “jinguba” – amendoim, com açúcar em calda e Candimba o vendia pelas ruas da cidade. Certo dia, precisando buscar sal para mãe, o menino presenciou uma discussão entre Sô Ferreira e Mariana. A mulher negra reclamava com o comerciante branco uma promessa feita: “– Sô Ferreira, meu marido vai saber. Filho sai mulato, Chico vê logo não é dele. Ele me mata, Sô Ferreira...” (Pepetela, 2008, p. 22).

Mariana estava à altura casada a mais de um ano com Chico, um homem negro. A discussão entre a mulher e Sô Ferreira toma contornos mais dramáti-

cos, os quais Candimba observa, escondido à porta da mercearia. A inocência do menino, não impede que no decorrer da conversa entre os dois adultos, perceba que esta se tratava de um caso amoroso entre a mulher negra e o comerciante branco. Exaltado Sô Ferreira despacha logo Mariana, não cumprindo com as promessas que fizera em troca dos favores sexuais:

- Sô Ferreira prometeu. Te dou vestidos, vais mesmo na cidade, vais pra minha casa. Te tiro da sanzala... Teu filho vai ser meu no papel, lhe dou educação. Agora já lhe dei tudo que queria, já se deitou comigo, m'abandona.
- Então? Prometi? Alguém ouviu? Só tu mesmo. Vai dizer no teu marido, vê lá se ele acredita. Digo-lhe que é mentira, que foste tu que me pediste, que vocês todas querem é dormir com brancos. Vai na polícia, se eles acreditam em ti ou em mim". (Pepetela, 2008, p. 23)

A discussão presenciada por Candimba segue com o comerciante a rir sarcasticamente e a ameaçar Mariana, ou seu marido, se viessem tomar satisfação: "Dou-lhe tantos tiros que fica como um Cristo!" (Pepetela, 2008, p. 24). A exploração colonial representada na figura de Mariana se torna perceptível. O colonizador, branco, na figura de Sô Ferreira, se aproveita da vulnerabilidade de Mariana, para obter os favores sexuais e depois quando já havia conseguido o que queria a ignora, deixando-a em situação difícil.

Fanon (2008) nos explica sobre a colonização, que uma das estratégias mais utilizadas pelo colonizador para demonstrar a inferioridade do colonizado é o racismo. O racismo, nesta situação específica, nos faz perceber que mulheres negras se interessam por homens brancos porque neles veem a possibilidade de ascensão social (Fanon, 1979). Pode-se observar desta forma que Mariana, enquanto colonizada vê tudo que é do colonizador, branco, superior a sua cultura. Essa superioridade técnica do colonizado, ainda conforme Fanon (1979), relega tudo que é seu, colonizada, negra, a um plano inferior, quer seja no âmbito pessoal, ou social.

Em *A Revelação*, Candimba aproveita a chegada de outra freguesa à mercearia para se despachar, porém voltando rumo à sua casa a memória daquela cena, do branco a maltratar e ameaçar Mariana não lhe sai da cabeça. Os efeitos daquele desprezo sarcástico influenciam as atitudes do menino que se sente indignado pela situação de Mariana. Candimba decide ficar sozinho em suas reflexões, em meio à capoeira que ficava nas proximidades de sua casa onde encontra um coelho branco, o qual relaciona com Sô Ferreira e que vai expiar sua indignação.

Em meio à tentativa frustrada de atingir com um "murro" o coelho, arrempe-se da sua atitude impensada junto ao animal indefeso. No entanto, a revolta do miúdo só aumenta ao saber que Mariana se suicida. Candimba quer contar para todos que sabe o motivo da morte da mulher, mas ninguém lhe dá ouvidos. Era um menino negro, era pobre, a sua voz, tanto quanto a de Mariana não era ouvida. Ainda observa ao longe Sô Ferreira indiferente ao fato. O modo como Candimba resolve sua dor, sua ira diante da situação revoltante é voltar para casa e matar impiedosamente o coelho, com um canivete.

O fato descrito no conto nos permite observar um sentimento que viria a se desenvolver na luta pela libertação em Angola, pois, lembrando as palavras do

próprio autor, aqui os motivos eram “mais raciais e menos políticos”. O racismo presente no início da luta de libertação em Angola pode ter servido de elemento agregador junto às diferenças tribais e sociais que mobilizaram o povo a lutar pela independência do país. Seus efeitos devastadores num sentido ambivalente da colonização pode ter escamoteado outros problemas que viriam à tona, principalmente no pós-independência.

Candimba, ainda na sua juventude, iria ter de lidar com o racismo e com efeitos que este gerou na relação colonizador-colonizado, entre angolanos e portugueses. Num processo ambivalente do decorrer da história, os efeitos da colonização podem ser entendidos assim, conforme Ana Mafalda Leite:

África, refiro-me às ex-colônias, pesa na memória portuguesa com alguma violência, particularmente experimentada nos últimos quinze anos, em que a guerra colonial antecedeu as independências. Parece haver quase uma necessidade de esquecimento da carga demasiado pesada que o processo imperial arrastou consigo. O passado tende, por vezes, a ser olhado ou com algum desconhecimento – a memória é curta, e certas memórias são para esquecer – ou com uma visão mais ou menos maniqueísta, que considera apenas o sentimento de uma certa culpabilidade, e o necessário investimento de remissão dessa “culpa” histórica. Entre o culpado, que personifica a imagem do colono, e a vítima, que encena o colonizado, haverá certamente um lugar mais distanciado, e provavelmente, mais neutro, de encarar os fatos da história e os da literatura. (Leite, 2012, p. 140)

As causas devastadoras do racismo precisavam ser combatidas, caso contrário a situação pós-colonial e a independência remontariam aos velhos problemas coloniais, nas relações do povo angolano. Pepetela desde o início da carreira sempre se preocupou com Angola, e o conto, tanto quanto o conjunto de sua obra, faz um elo entre a história, sociedade e política de seu país. Pode-se compreender melhor isso, em nível artístico, nas palavras de outro grande escritor de língua portuguesa, o moçambicano Mia Couto: “Esta urgência de pertença, esse contorno que contém e esbate diferenças, é afinal, Angola. A ideia de angolanidade está presente em toda a sua obra mas de forma tão natural que não a condiciona do ponto de vista literário. Pepetela está a escrever não sobre Angola. Ele *está escrevendo Angola*, essa que há mas que ainda não existe, a sonhada e a geradora de sonhos” (Pepetela, 2008, p. 8).

Os anos que se passam após a publicação de *A Revelação* são duros para Angola, onde o sentimento retratado por Pepetela em Candimba se apresenta sob diversas circunstâncias, ao se tornar menos racial e mais político, observando o processo constante de formação da identidade. Até a produção e publicação de *O nosso país é bué* em 1999, Angola passa por importantes mudanças, dentre elas a mais sensível foi a da independência em 1975 e que foi seguida da Guerra Civil Angolana com toda a sua complexidade e percalços sociais e políticos. Dessa maneira: “Torna-se ... necessário iluminar outros campos de marcação de ralações de poder (classe e ideologia política, raça e etnia, género e origem cultural), protagonizadas pelas elites locais, e suscitadas, ou não, por qualquer tipo de diferença que potencie hierarquizações, e dar ênfase à afirmação da diferença identitária (colectiva e individual, segmental ou grupal), tornando visível a produção da subjetividade” (Mata, 2007, p. 21).

A Angola sonhada e geradora de sonhos retratada esteticamente neste último conto vê a perspectiva nacionalista balanceada entre o sonho e realidade. “Bué” – que significa muito, bastante, demasiado, é o termo usado pelo miúdo Lito ao apresentar a descoberta de petróleo para a mãe. A euforia do menino era grande, pois estava se extraíndo o líquido em poços feitos pelos próprios vizinhos do bairro, nos quintais de suas casas: “– Esse país é bué, mãe, esse país é bué!” (Pepetela, 2008, p. 85).

Pepetela diz acerca do conto que o mesmo retrata os mitos do pós-colonial, muitas vezes criados por nós mesmos sem a nossa vontade. Em *O nosso país é bué* os vizinhos de Lito e Dona Fefa, sua mãe, nutriam o sonho de se tornar microempresários, donos dos próprios negócios extraíndo o petróleo. Dona Fefa tinha ouvido falar do líquido que era vendido mais barato no Mercado de Roque Santeiro, como combustível para candeeiros. Porém, era necessária prudência para tirar a história a limpo, pois naqueles tempos brabos: “qualquer notícia podia trazer uma tragédia, qualquer corrida podia significar perigo, qualquer grito significar agonia” (Pepetela, 2008, p. 85).

A própria vizinha, Dona Isaura, que era muito amiga, quase comadre, não contou a Dona Fefa, sobre o petróleo que o marido estava extraíndo... A situação nos lembra de Bhabha (2012) sobre a época pós-colonial onde o mesmo fala que as transformações sociais ocorridas na identidade, na tentativa de reclamar territórios perdidos cria uma cultura de “grupos de interesse” com movimentos sociais disparatados: “Aqui a filiação pode ser antagonica e ambivalente: a solidariedade pode ser só situacional e estratégica, o sentido de comunidade é sempre negociado pela ‘contingência’ de interesses sociais e de exigências políticas” (Bhabha, 2012, pp. 93-94).

Ao se informar sobre o que estava acontecendo Dona Fefa, recebe como informação que os vizinhos mantinham o caso em segredo por causa da polícia: “Esse de facto era o problema, os vizinhos que tinham poços clandestinos andavam a discutir muito isso, disse Dona Isaura, porque o garimpo de petróleo é proibido, os angolanos não podem ter poços, só os estrangeiros o que é evidentemente uma injustiça os donos da terra serem afastados dessas riquezas, outros, no entanto diziam não, agora já há garimpo livre... não há mais partido único, nem garimpo único, é a democracia petrolífera...” (Pepetela, 2008, pp. 91-92).

Podemos notar no texto como o narrador mescla sua voz com a dos personagens, observando uma semelhança com a oralidade e retratando alguns efeitos pós-coloniais como a globalização. As influências desta, no cotidiano das pessoas da comunidade contribuem para formação de sua identidade, de três maneiras conforme Hall (2012). Primeiro as identidades nacionais estão se desintegrando como resultado de uma homogeneização cultural. Segundo, ao mesmo tempo algumas comunidades locais pela resistência a globalização, reforçam sua identidade local. E terceiro, por outro lado surgem novas identidades híbridas.

Esses processos, muitas vezes simultâneos, dado aos efeitos acelerados da globalização, são trazidos à obra de Pepetela para “escrever Angola”. Em *O nosso país é bué*, o sentimento nacionalista de Lito pode ser observado em várias passagens: “É bué mesmo, ninguém que aguenta esta terra” (Pepetela, 2008, p. 89). A alegria do menino devia-se ao fato de imaginar que também poderia cavar um

poço no seu quintal e extrair petróleo. Além disso, havia estudado, era preciso refinar o petróleo, mas o que os vizinhos retiravam podia ser utilizado diretamente nos candeeiros e talvez fosse possível utilizá-lo mesmo nos carros.

As perfurações clandestinas e perigosas dos poços de petróleo descritas no conto, não passaram despercebidas pelas autoridades e ao passo que investigações foram feitas se confirmaram as suspeitas que o líquido vinha de uma refinaria que se localizava próxima ao bairro. Descobriu-se que: “de facto era gasolina adulterada pela muita ferrugem dos canos... a refinaria era velha e há muito tempo não tinha manutenção a sério, daí as fugas de líquido. Miúdo Lito ficou desiludido. Não por ter desaproveitado a riqueza que dormia no seu quintal. Mas porque afinal o país não era assim tão bué como imaginara” (Pepetela, 2008, pp. 93 -94).

Os fatos descritos nos contos se por um lado nos remetem a história de Angola, ao seu passado, também trazem a imagem do futuro nos miúdos como personagens principais. Com a vida pela frente para trabalhar os acontecimentos que marcaram a infância, a passagem do tempo que se faz entre os dois corresponde a mais de uma geração, que se observarmos Angola, poderia ser descrita como “a geração da utopia” e nos oportuniza um retrato da constante de construção da identidade. Ambos jovens, os protagonistas dos dois contos apresentam um sentimento nacionalista a se desenvolver, sob diferentes aspectos, que provoca consequências, nem sempre tão positivas ou tão boas quanto as que o desejo nos permite almejar aos olhos pueris.

Passou-se a geração de Candimba, iniciou-se a de Lito. Entre o coelho expiado pelo sentimento contido de racismo e o falso poço de petróleo, já uma consequência da globalização cada um poderia seguir a crescer e a compreender o seu papel e o de seu país no mundo. Os problemas mudam de forma, nos dois contos, assim como Angola se transforma com a independência, cresce e se apresenta com uma nova realidade. A literalidade que percebemos nos contos, está no que resta aos dois jovens: aprender com o passado recente, ao procurar soluções para seguir em frente.



(Google, 2017)

Referências bibliográficas

- Bhabha, H. K. (2012). *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses*. Org.: Eduardo F. Coutinho. Tradução: Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco Digital.
- Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (7ª ed.). Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.
- Fanon, F. (1979). *Os Condenados da Terra* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silva. Salvador: EDUFBA.
- Google, imagens. (2017). *Dois Meninos*. Recuperado, 20 de abril de 2017, de https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwixtoqswqnUAhUD2RoKHTtTDGwQjRwIBw&url=https%3A%2F%2Fricardodalai.wordpress.com%2F2013%2F03%2F18%2Fdois-meninos-bacanas%2F&psig=AFQjCNFA45Xgnh_8f97r6FPqwnjYnzGxdg&ust=1496848760643449
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade* (10ª ed.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Leite, A. M. (2012). *Oralidades e escritas pós-coloniais: estudo sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Mata, I. (2007). *A Literatura Africana e a Crítica Pós-colonial: Reconversões*. Luanda: Editorial Nzila.
- Pepetela (2008). *Contos de Morte*. Lisboa: Nelson de Matos.
- Pepetela (2013). *A Revelação*. Recuperado, 20 de abril de 2017, de <http://comolhosde.lerblogspot.com.es/2013/06/sobre-pepetela.html>

Resumo

Os contos *A Revelação* de 1962 e *O nosso país é bué* de 1999, ambos de Pepetela, distanciam-se entre si por um período de mais de três décadas, nas quais ocorreram profundas mudanças em Angola, decorrentes do processo histórico pré e pós-independência, das guerras e da organização política e social do país. Na figura de dois meninos, protagonistas, o autor representa nestes contos um sentimento de identidade que está sempre a transformar-se. Candimba, em *A Revelação*, em sua forma inocente, pueril, começa a entender o mundo ao seu redor e sente na pele a dominação do colonizador, branco, manifestada pelo racismo que sufoca a voz do colonizado, negro. Lito em *O nosso país é bué* vai do sonho nacionalista, representado no petróleo que podia extrair-se num poço do quintal de casa, à constatação de que “afinal o país não era assim tão bué como imaginara”. Ambos jovens, porém em épocas distintas, passa-se a geração da utopia entre eles. No primeiro miúdo está um ponto de partida, estopim para realidade de luta e de guerra pela independência que viriam. No último, o fim da ilusão nacionalista e o choque de uma realidade novamente a se construir em meio à outra guerra. Assim de um a outro, como num voo de pássaro que põe seus olhos em Candimba, depois se vira para Lito e continua seu caminho, está Angola, representada na visão de Pepetela.

Abstract

The short stories *A Revelação* of 1962 and *O nosso país é bué* of 1999, both of Pepetela, are separated from each other by a period of more than three decades, in which profound changes occurred in Angola, arising from the pre and post-independence historical process, wars and the political and social organization of the country. In the figure of two boys, protagonists, the author represents in these stories a sense of identity that is always changing. Candimba, in *A Revelação*, in his innocent, puerile form, begins to understand the world around him and feels on the skin the domination of the colonizer, white, manifested by the racism that suffocates the voice of the colonized, black. Lito in *O nosso país é bué* is national dream, represented in the oil that could be extracted in a well in the backyard, to the realization that “after all, the country was not as good as it had imagined.” Both young people, but in distinct times, passes the generation of utopia between them. In the first kid is a starting point, a fuse for reality of struggle and war for independence that would come. In the latter, the end of the nationalist

illusion and the shock of a reality again to be built in the midst of the other war. Thus from one to another, as in a bird flight that sets its eyes on Candimba, then turns to Lito and continues its way, is Angola, represented in the vision of Pepetela.